

PLÍNIO SALGADO, BANDEIRANTE DO BRASIL PROFUNDO¹

Victor Emanuel Vilela Barbuy²

Resumo

No presente artigo, tratamos da vida e de aspectos da obra do escritor, poeta, jornalista, pensador, orador e líder político brasileiro Plínio Salgado (1895-1975). Este, como maior romancista do chamado Modernismo Brasileiro da década de 1920 e do início da década de 1930, como autor da *Vida de Jesus*, autêntica obra de uma literatura, e como criador do Integralismo, maior movimento cívico-político-cultural do Brasil e da América Hispânica, inscreveu seu nome, em letras de ouro, na História Pátria, e, como descobridor bandeirante da Tradição Brasileira e elaborador de uma robusta teoria desta, também inscreveu seu nome, igualmente em letras de ouro, na Tradição do Brasil.

Palavras-chave: Plínio Salgado; Brasil; Tradição.

Há cento e vinte e dois anos, mais precisamente no dia 22 de janeiro de 1895, nasceu Plínio Salgado, na pequena, bucólica e tradicional cidade montanhesa de São Bento do Sapucaí, na Serra da Mantiqueira, na região paulista do Vale do Paraíba.

Magno e brilhante escritor, poeta, jornalista e orador e profundo, robusto e fecundo pensador e doutrinador político patriótico, nacionalista e tradicionalista, Plínio Salgado foi, ainda, o criador e principal líder do grande movimento de renovação moral e social a que denominamos Integralismo e o arauto e lidador de um Brasil Novo e Maior. O mais eloquente intérprete da Brasilidade, na expressão do ilustre pensador e escritor tradicionalista português Hipólito Raposo,³ Plínio Salgado foi e é, como escreveu, no mesmo sentido, o insigne jusfilósofo tomista e pensador tradicionalista espanhol Francisco Elías de Tejada y Spínola, o profeta incandescente e sublime de seu povo, a encarnação viva do Brasil melhor,⁴ e, por ter sido o primeiro pensador pátrio a efetivamente compreender a Tradição Brasileira, o descobridor bandeirante das essências de sua pátria.⁵

Assim, embora criminosamente olvidado e injustiçado por muitos e desconhecido pela maior parte do nosso povo, esse valoroso soldado e condestável de Deus e da Pátria e bandeirante da Fé e do Império terá seu nome lembrado e

¹ O presente artigo se constitui numa versão revista e largamente ampliada da palestra que demos no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo no dia 11 de novembro de 2015, por ocasião do lançamento do livro *Existe um pensamento político brasileiro? Existe, sim, Raymundo Faoro: o Integralismo!*, organizado por Gumercindo Rocha Dorea.

² Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, advogado, professor universitário, Mestre e Doutorando em Direito Civil pela Faculdade de Direito da USP, e sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

³ *A notável oração do Dr. Hipólito Raposo*, in VV.AA., *Plínio Salgado: in memoriam*, vol. II. São Paulo, Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986, p. 189.

⁴ *Plínio Salgado na tradição do Brasil*, in VV.AA., *Plínio Salgado: in memoriam*, vol. II, cit., p. 47.

⁵ Idem, p. 70.

evocado por todos aqueles que, sabendo separar o homem e a obra das falsas acusações de seus inimigos, reconheçam em seus escritos um inigualável repositório de Fé Cristã e de Brasilidade. Noutras palavras, não passará sobre a Terra o nome do autor da *Vida de Jesus* (1942) e de *Primeiro, Cristo!* (1946), que, ao contrário, será mais lembrado com o correr dos anos, pois a sua doutrina tornar-se-á mais atual e necessária para o Brasil a cada dia e suas previsões ganharão autoridade à medida que mais delas se forem tornando realidade.

Plínio Salgado, esse nobre cavaleiro do Brasil Integral, no dizer do poeta, romancista, contista, jornalista, diplomata e ensaísta patricio Ribeiro Couto, veio ao Mundo, como há pouco dissemos, a 22 de janeiro de 1895, em São Bento do Sapucaí, pequena cidade em estilo colonial que, ainda nas palavras do autor de *Cabocla e Largo da Matriz*, repousa entre verdes lavouras, num píncaro de serra, na Mantiqueira.⁶ Seus pais foram o Coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado, farmacêutico e chefe político da região, e D. Ana Francisca Rennó Cortez, professora normalista formada em São Paulo, no último ano do Império.

Nas veias de Plínio Salgado comungavam, nas palavras de Francisco Elías de Tejada, as variadas genealogias que forjaram a gente brasileira.⁷ Seu avô paterno, Manuel Esteves da Costa, era português, nascido em São Pedro do Sul, distrito de Viseu, e, tendo estudado humanidades em Coimbra, emigrou para o Império do Brasil por conta da perseguição que sofreu em sua Pátria em virtude de suas ideias miguelistas, tradicionalistas. Uma vez em nosso País, casou-se, em Pindamonhangaba, com D. Mariana Salgado Cerqueira César, que viria a ser a avó paterna de Plínio Salgado e pertencia a uma das mais antigas e tradicionais famílias da região do Vale do Paraíba, assim como descendia de bandeirantes como Bartolomeu Bueno, o primeiro Anhanguera, e Manuel Preto, o conquistador de Guairá, retratado por Plínio Salgado, aliás, em seu poema épico em prosa *A voz do Oeste* (1934), que, com efeito, inspirou Juscelino Kubitschek, amigo e grande admirador de Plínio Salgado, a edificar a cidade de Brasília.⁸

Os avós maternos de Plínio Salgado, por sua vez, foram o Professor Antônio Leite Cortez, natural de Taubaté e descendente de castelhanos e portugueses, e D. Matilde Sofia Rennó, também professora e filha do médico alemão Johann Rennow, que adotou, no Brasil, o nome de João Rennó de França, e de D. Ana Joaquina Ferreira, curitibana que descendia de alguns dos primeiros habitantes de São Paulo do Campo de Piratininga, dentre os quais podemos destacar a figura de Pero Dias, guardião das chaves daquela vila quando de sua fundação.

O Coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado, pai, como há pouco observamos, de Plínio Salgado, era um homem profundamente patriota e nacionalista na acepção sadia, equilibrada e construtiva do termo e tinha o costume de reunir os filhos à noite para lhes narrar os feitos de Felipe Camarão, de Henrique Dias, do General Osório, do Duque de Caxias, dos almirantes Barroso e Tamandaré e de outros vultos da História Pátria, inculcando-lhes, assim, desde cedo, o amor ao Brasil e às suas tradições históricas.

⁶ *O cavaleiro do Brasil Integral*, in *Sei que vou por aqui!*, ano I, n. 2, São Paulo, setembro-dezembro de 2004, p. XVII. Artigo originalmente publicado no *Jornal do Brasil* a 20/07/1933.

⁷ *Plínio Salgado na tradição do Brasil*, in VV.AA., *Plínio Salgado: uma memoriam*, vol. II, p. 48.

⁸ Cf. Juscelino KUBITSCHKEK, Carta a Plínio Salgado, in VV.AA., *Plínio Salgado: uma memoriam*, vol. I., São Paulo, Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1985, p. 223.

Pouco depois dessas primeiras aulas de patriotismo, D. Ana Francisca, que já ensinara Plínio a rezar e também lhe inculcava o temor a Deus e lhe narrava histórias bíblicas, começou a dar ao filho lições de História do Brasil, Geografia, Aritmética e Francês.

No ano de 1907, Plínio, que havia iniciado os estudos secundários no Externato São José, dirigido pelo Professor José Calazans Nogueira, seguiu para Pouso Alegre, em Minas Gerais, onde estudou humanidades no tradicional Ginásio Diocesano São José, em que também estudavam Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida e Teodoro Quartim Barbosa, com os quais o então futuro autor de *O estrangeiro* (1926) e de *Espírito da burguesia* (1951) firmou uma grande amizade, que se estenderia por toda a vida. Também estudaram no Colégio Diocesano São José, dentre outros, Dom Idílio José Soares, Bispo de Petrolina e, depois, de Santos, e Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, Bispo de Montes Claros e, mais tarde, Arcebispo de Olinda e Recife e, em seguida, de Niterói, e um dos maiores oradores sacros brasileiros, bem como um dos mais ilustres adeptos das doutrinas políticas de Plínio Salgado.

O falecimento do pai, no ano de 1911, forçou Plínio a abandonar os estudos e a retornar a São Bento do Sapucaí a fim de cuidar da mãe e dos irmãos menores.

D. Ana Francisca, que ainda lecionava em sua escola isolada para meninas, que funcionava nos fundos de sua residência, transformou outro cômodo da casa em sala de aula, abrindo uma escola para meninos e confiando-a a Plínio.

Pouco mais tarde, Plínio principiou a trabalhar como agrimensor e topógrafo judicial. Em seguida, obteve o cargo de inspetor escolar no Município e, em virtude de se haver habilitado para requerer em juízo e promover o andamento dos feitos, foi nomeado solicitador, exercendo a função de advogado quando não havia advogados.

Por essa época, Plínio Salgado colaborou no jornal *A Cidade de São Bento*, havendo sido, por algum tempo, segundo Genésio Cândido Pereira Filho,⁹ diretor de tal periódico, que tinha Couto de Magalhães entre seus colaboradores e encerraria suas atividades, por problemas financeiros, em 1914.¹⁰

Em 1913, Plínio Salgado se mudou para São Paulo, onde planejava concluir o curso secundário, interrompido quando da morte de seu pai, e, em seguida, ingressar no curso de Direito da tradicional Academia do Largo de São Francisco. Por conta, porém, da situação de pobreza da família, agravada com o início da I Guerra Mundial, Plínio abandonou os estudos em 1914, antes de ingressar na aludida Faculdade, e deixou a Capital Paulista, retornando a São Bento.

Embora não tendo formação jurídica, Plínio Salgado, que, conforme salientou Ronaldo Poletti, associava, como é notório, ao lado de sólidos conhecimentos em humanidades, uma intuição profunda reveladora de premonição atinente a fatos e a ideias futuras, fez, em sua obra, inúmeras referências ao Direito, ciência da qual

⁹ *Recuperando literariamente Plínio Salgado: Conferência de Genésio Pereira Filho*, in *Boletim da Academia de Letras de Campos do Jordão*, ano XIV, nº 69, Campos do Jordão-SP, setembro de 1999, p. 3.

¹⁰ Cf. Isaura Aparecida de Lima e SILVA, *São Bento do Sapucaí: Tradição e Cultura*, Paraisópolis-MG, Editora Paraíso, s/d, p. 56.

cuidou dos pontos de vista teórico e prático.¹¹ Por suas reflexões sobre temas como o Homem, o Estado e a ideia de Império, podemos dizer que Plínio Salgado, defensor do Direito Natural Tradicional, ou Clássico, e do Estado Ético de Direito e de Justiça a que denominou Estado Integral, embora não tendo sido um jurista, foi e é, sem dúvida alguma, um dos mais notáveis jusfilósofos do Brasil. Cumpre sublinhar que, como enfatizou Ronaldo Poletti, as ideias jurídicas de Plínio Salgado tiveram um desdobramento na obra e na ação de diversos juristas patrícos, cujas formações se deram ou completaram a partir de um ponto comum, que vem a ser o pensamento do egrégio autor de *O ritmo da História* (1949) e de *Direitos e deveres do Homem* (1949). Dentre tais juristas, destacou Poletti Miguel Reale, San Tiago Dantas, Alfredo Buzaid, Goffredo Telles Junior e Loureiro Junior,¹² aos quais poderíamos acrescentar, dentre outros vultos do Direito e das letras jurídicas pátrias, Rubem Nogueira, Arthur Machado Paupério, Ignacio da Silva Telles, Alberto Cotrim Neto, Ítalo Galli, Oldegar Vieira, Cláudio De Cicco, Marcus Claudio Acquaviva, Acacio Vaz de Lima Filho e o próprio Poletti.

De volta a São Bento do Sapucaí, sentinela da Terra Bandeirante que muito se assemelha a um presépio vivo na Serra da Mantiqueira, como evocou, num inspirado poema, o jornalista, escritor e editor Cláudio de Cápua,¹³ Plínio Salgado, aproveitando as horas de lazer, leu autores como Spencer, Comte, Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Büchner, Haeckel, Lamarck, Gustave Le Bon, Jhering, William James e Ingenieros, ao mesmo tempo em que se aprofundava no conhecimento de nossa Literatura, assim como das literaturas portuguesa, francesa, espanhola, italiana, inglesa, alemã e russa.

Em 1915, foi fundado, em São Bento, o Externato São Luiz, por Genésio Cândido Pereira, que mais tarde se tornaria o pai do escritor Genésio Cândido Pereira Filho e também um dos mais proeminentes vultos do Judiciário Paulista. Plínio Salgado lecionou no Externato São Luiz, instituição de que foi Secretário, e fundou e redigiu, juntamente com Genésio Cândido Pereira, o jornal daquele Externato, denominado *Alvor*.¹⁴

Ainda em 1915, Plínio Salgado coordenou a publicação do *Almanaque de São Bento* e, no ano seguinte, fundou, com o primo Joaquim Rennó Ferreira, o semanário *Correio de São Bento*.

No ano de 1918, Plínio, que já tivera trabalhos publicados na *Revista do Brasil* e no *Correio Paulistano*, casou-se com Maria Amélia Pereira, irmã de Genésio Cândido Pereira.

Por esse tempo, era ele a figura central da cidadezinha de São Bento do Sapucaí, sendo diretor do jornal local e do grupo dramático, secretário do Tiro de

¹¹ *O Direito em Plínio Salgado*, in Gumercindo Rocha DOREA (Organizador e introdutor), *Anais do centenário e da 2ª Semana Plínio Salgado*, São Paulo, Edições GRD; São Bento do Sapucaí, São Paulo, Espaço Cultural Plínio Salgado, 1996, p. 97. Trabalho escrito para as comemorações do centenário de nascimento de Plínio Salgado, em 1995, e que foi tema da palestra proferida pelo autor a 08 de outubro daquele ano, em São Bento do Sapucaí, por ocasião da 2ª Semana Cultural Plínio Salgado.

¹² Idem, p. 98.

¹³ *Plínio Salgado (biografia)*, 5ª edição, São Paulo, De Cápua, 2000, p. 5.

¹⁴ *Recuperando literariamente Plínio Salgado: Conferência de Genésio Pereira Filho*, cit., loc. cit.

Guerra e do Externato São Luiz, presidente do clube de futebol, orador do Gabinete de Leitura e agrimensor.

Ainda em 1918, enquanto se convalescia da gripe espanhola, que o atingira, Plínio leu o livro *Farias Brito e a reação espiritualista*, de Francisco Teive de Almeida Magalhães, e, em seguida, as obras do próprio Farias Brito e de Jackson de Figueiredo, abandonando, assim, o materialismo e retornando ao espiritualismo cristão, católico, ao mesmo tempo em que, preocupado com a questão nacional, lia também autores como Alberto Torres e Euclides da Cunha.

Conforme fez salientar Francisco Elías de Tejada, ¹⁵ que Plínio Salgado levanta desde a sua conversão intelectual em 1918 são duas colunas solidíssimas: Cristo e o Brasil; e o que ele nega são ¹⁵ as ideias estrangeiras que corrompem o Brasil e repelem o reinado social de Jesus Cristo; a saber, o liberalismo, a liberal-democracia, os totalitarismos de todos os tipos, o positivismo e a herança do século XIX. O resultado disto será, ainda segundo Francisco Elías de Tejada, ¹⁵ Integralismo como ação, como volta à Tradição brasileira; e, ¹⁵ por meta intelectual e política, a aproximação cada vez mais profunda, de Santo Tomás de Aquino; Existe na obra pliniana, ainda de acordo com o insigne jusfilósofo castelhano, ¹⁵ uma lógica evidente; e, pois, ¹⁵ ano após ano, vão ficando mais claras as suas ideias, quer aperfeiçoando conceitos, quer estabelecendo mais exatamente as suas posições; mas são exposições e esclarecimentos conservados sempre em torno daquelas duas temáticas centrais, de Cristo e da pátria brasileira.¹⁵

Em 1919, Plínio perdeu a esposa quinze dias depois de esta haver dado à luz Maria Amélia, única filha do casal, e teve publicado o seu primeiro livro, o volume de versos parnasianos *Tabor*, elogiado pela *Revista do Brasil*, cujo proprietário era então Monteiro Lobato, e de que consta o célebre poema *Canção das Águias*.

Nesse mesmo ano, Plínio Salgado, que tempos antes fundara, ao lado do Dr. Gama Rodrigues, o Partido Municipalista, primeira agremiação política do País a defender o Municipalismo, deixou São Bento do Sapucaí em virtude de problemas políticos e seguiu para a Capital Paulista.

Em fevereiro de 1922, quando já era redator do *Correio Paulistano*, Plínio, que antes disso fora redator do jornal *A Gazeta*, participou ativamente da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo.

No ano de 1926, publicou *O estrangeiro*, que é, cronologicamente, o primeiro romance social em prosa modernista da Literatura Brasileira. Como ressaltaria Menotti Del Picchia, o romance de estreia de Plínio Salgado ¹⁶ confirmou-se como um marco renovador do romance brasileiro; abrindo ¹⁶ a série das grandes obras que, num radioso renascimento de um sadio nacionalismo, escachoaram do Norte tendo na vanguarda a já histórica *Bagaceira* de José Américo de Almeida.¹⁶ Este último escreveu a Plínio, como observou Cláudio de Cápua, uma carta em que afirmou que depois de haver lido *O estrangeiro* considerara esta obra o primeiro romance, em importância, do Modernismo e resolvera reescrever totalmente o seu livro *A bagaceira*, que viria a ser publicado em 1928.¹⁷

¹⁵ Plínio Salgado na tradição do Brasil, in VV.AA., *Plínio Salgado: uma memoria*; vol. II, cit., pp. 52-53.

¹⁶ Plínio Salgado, o fraterno amigo, in VV.AA., *Plínio Salgado: uma memoria*; vol. I., cit., p. 45.

¹⁷ Cf. Rodrigo RODRIGUES, *O Pensamento Nacionalista no Modernismo Brasileiro*, São Paulo, Editoração, 2005, p. 35.

O estrangeiro, maior poema em prosa do Modernismo Brasileiro,¹⁸ teve um sucesso verdadeiramente extraordinário. A primeira edição se esgotou em menos de vinte dias e o burburinho que se fez em torno da obra na imprensa nacional foi algo realmente notável. Plínio Salgado, porém, ignoraria tudo o quanto então se publicava a respeito dele e de sua revolucionária obra, não fosse por seu amigo Fernando Callage, que colecionava todos os artigos, uma vez que, naquela ocasião, em São Bento do Sapucaí, falecia a mãe de Plínio, que, estando já à beira da morte, tomou o livro do filho nas mãos, projetando lê-lo mais tarde, quando estivesse melhor, o que infelizmente não ocorreu.

Considerado por Wilson Martins a maior realização romanesca brasileira da década de 1920, ao lado de *O esperado*, também de Plínio Salgado,¹⁹ e classificado por Rachel de Queiroz como o primeiro romance modernista,²⁰ *O estrangeiro*, que seria considerado pelo autor o seu primeiro Manifesto Integralista,²¹ fez do futuro criador da Ação Integralista Brasileira um escritor nacionalmente consagrado, tanto pelo público quanto pela crítica.

Dentre os diversos críticos literários, escritores e pensadores de renome que elogiaram *O estrangeiro* na imprensa, nos meses seguintes à sua publicação, podemos citar Agripino Grieco, Afrânio Peixoto, Tasso da Silveira, Augusto Frederico Schmidt, Cassiano Ricardo, Nuto Santo Anna, Jackson de Figueiredo, José Américo de Almeida, Rodrigues de Abreu, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Brito Broca, Nestor Victor, Francisco Pati, Oliveira Vianna, Cândido Motta Filho, Andrade Muricy, Genolino Amado, Sud Menucci e Monteiro Lobato. Este último dedicou ao romance um magnífico artigo intitulado *Forças novas* e publicado no jornal *A manhã*, do Rio de Janeiro, aos 19 de setembro de 1926.

No referido artigo, o autor de *Cidades mortas* (1919) e de *O presidente negro* (1926), havendo reconhecido que Plínio Salgado consegue o milagre de abarcar todo o fenômeno paulista, o mais complexo do Brasil, talvez um dos mais complexos do mundo, metendo-o num quadro panorâmico de pintor impressionista, frisou que todo o livro é uma inaudita riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadêmica. só força, a força pura, ainda não enfiada em fios de cobre, das grandes cataratas brutas. E terminou o escritor patricio o seu artigo sobre *O estrangeiro* dizendo que Plínio Salgado é uma força nova com a qual o país tem que contar.²²

Conforme sublinhamos há pouco, diversos escritores, críticos literários e pensadores de escol elogiaram o romance *O estrangeiro* nos meses que se

¹⁸ Bem nos lembramos de que, durante a conversa que tivemos, no ano de 2005, com o Professor Miguel Reale, concordou este conosco quando dissemos que *O estrangeiro* é o maior poema em prosa do Modernismo Brasileiro e ressaltou, em seguida, que não apreciava muito os poemas em verso de Plínio Salgado, mas gostava bastante de seus poemas em prosa, como os romances *O estrangeiro*, *O esperado*, *O cavaleiro de Itararé* e *A voz do Oeste*, assim como a *Vida de Jesus*.

¹⁹ *O modernismo*, 4ª edição, São Paulo, Editora Cultrix, 1973, p. 251. Cumpre ressaltar que Wilson Martins cometeu um pequeno equívoco ao considerar o romance *O esperado*, escrito quase que integralmente em 1930 e publicado no ano seguinte, como uma obra da década de 1920.

²⁰ In *A Hebraica*, São Paulo, julho de 1995, p. 33.

²¹ *Despertemos a Nação*, 3ª edição, in *Obras Completas*, vol. 10, 2ª edição, São Paulo: Editora das Américas, 1957, p. 9.

²² *Forças novas*, in VV.AA., *Plínio Salgado: na memoriam*, vol. I, cit., pp. 112-113.

seguiram à sua publicação. Aos justos elogios destes homens de letras e de pensamento ao primeiro grande romance modernista brasileiro, somar-se-iam, nas décadas seguintes ao seu lançamento, os elogios, igualmente justos, de outros notáveis escritores, críticos literários e pensadores daqui e de lá, como Gerardo Mello Mourão, Jamil Almansur Haddad, Miguel Reale, Virgínio Santa Rosa, Alberto de Oliveira, Afrânio Coutinho, Fernando Callage, Érico Veríssimo, Fernando Whitacker da Cunha, Austregésilo de Athayde, Augusta Garcia Rocha Dorea, Maria Amélia Salgado Loureiro, Zélia de Almeida Cardoso, Francisco Marins, Amândio César, Francisco Elías de Tejada e os já mencionados Wilson Martins e Rachel de Queiroz.

Como já mais de uma vez observamos,²³ em *O estrangeiro* e nos dois romances sociais em prosa modernista que se lhe seguiram e que com ele compõem as denominadas *Crônicas da vida brasileira* (*O esperado*, de 1931, e *O cavaleiro de Itararé*, de 1933), Plínio Salgado se revelou o genial cronista, intérprete de uma época de dúvidas e de incertezas que, sob o signo dos mais sadios e edificadores ideais cristãos, patrióticos e nacionalistas e absolutamente livre das questões da forma e do estilo, demonstrou ser arguto espectador e profundo conhecedor de todas as correntes de opinião e de todos os dramas dos diferentes segmentos da Sociedade Brasileira de seu tempo. Revelou-se, ademais, dotado de formidável capacidade de compreender todos os antagonismos, assim como de alma para efetivamente sentir, sofrer e expressar, sem temor ao uso da palavra, todos os complexos estados de espírito nacionais. Nenhuma frase pode, com efeito, defini-lo melhor do que aquela em que assim afirmou, no início de sua obra *Despertemos a Nação*: «O drama de meu povo apoderou-se de mim».²⁴

Consoante salientou Francisco Elías de Tejada, a vocação de escritor egrégio impeliu Plínio Salgado à literatura, mas uma literatura a serviço dos ideais de um Brasil autêntico, tendo sido o romance *O estrangeiro* não apenas uma das cumiadas da literatura brasileira, mas também a necessária análise sociológica da qual nasceria um pensamento robustíssimo, o mais brasileiro que dar-se possa.²⁵ Ainda como notou o autor de *As doutrinas políticas de Farias Brito* (1953), Jackson de Figueiredo apreendeu, com sua característica agudeza, o significado de *O estrangeiro*, que acima dos seus maravilhosos méritos literários, e além do finíssimo estudo sociológico, vem a ser todo um programa político,²⁶ constituindo-se, nas

²³ *Oitenta anos de O estrangeiro*, in *Linguagem Viva*, ano XVIII, nº 214, jun. de 2007, p. 4. Disponível em: <http://www.linguagemviva.com.br/214.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2017; *Plínio Salgado, arauto e apóstolo de Cristianismo de Brasilidade*, in *O Lince*, nova fase, ano 4, nº 31, Aparecida-SP, jan./fev. de 2010, p. 17. Disponível em: <http://www.jornalolince.com.br/2010/fev/pages/focus-plinio-salgado.php>. Acesso em 22 de janeiro de 2017; *90 anos de O estrangeiro*, in *O Lince*, nova fase, ano 10, nº 72, Aparecida-SP, nov./dez. de 2016, pp. 23-35. Disponível em: <http://www.integralismo.org.br/?cont=781&ox=396#.WISY7fkrLIU>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

²⁴ *Despertemos a Nação*, cit., loc. cit.

²⁵ *Plínio Salgado na tradição do Brasil*, in VV.AA., *Plínio Salgado: a memoriam*, vol. II, cit., p. 50.

²⁶ *Idem*, p. 51.

palavras do próprio Jackson de Figueiredo, em um livro de esperança e de fé na grande Pátria Brasileira.²⁷

Os anos seguintes à publicação de *O estrangeiro* foram fecundos na vida de Plínio Salgado, que colaborava em diferentes jornais e revistas e foi figura central dos grupos modernistas verde-amarelista e da Anta, bem como de diversos outros grupos, na meditação sobre a realidade e os problemas sociais e nacionais. Assim, dedicou-se, com Alarico Silveira e Raul Bopp, ao estudo da língua tupi e da etnografia nacional, ao mesmo tempo em que, ao lado de Cândido Motta Filho, Fernando Callage, Plínio Mello e outros, estudava Alberto Torres, Euclides da Cunha, Tavares Bastos, Oliveira Vianna, Calógeras, Oliveira Lima e outros autores que estudaram nossa Terra e nosso Homem. Ao mesmo tempo, com Augusto Frederico Schmidt e outros, dedicou-se ao estudo da obra de Jackson de Figueiredo e de outros pensadores católicos e espiritualistas. E, por fim, com Mário Pedrosa, Araújo Lima, Plínio Mello e outros, estudou o marxismo, lendo a obra de Marx, Lênin, Trótski, Plekhanov, Riazanov e outros pensadores socialistas e considerando válidas suas críticas ao capitalismo, mas não as supostas soluções por eles apresentadas aos problemas provocados por este.

No ano de 1928, foi Plínio Salgado eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano Paulista (PRP), entrando pelo 2º turno e sendo o candidato mais votado. Foi sufragado não apenas por seu partido, mas pela totalidade das forças eleitorais do 3º Distrito, incluindo o Partido Democrático, de oposição, o Partido Independente, de Gama Rodrigues, e dissidências locais que se coligaram para elegê-lo,²⁸ cumprindo ressaltar que toda a sua atuação no PRP obedeceu ao firme propósito de criar uma corrente renovadora dentro daquele partido.

Em julho de 1929, o autor de *O estrangeiro* (1926) e de *Literatura e política* (1927) tomou posse na Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira de número seis, cujo patrono é Couto de Magalhães, a quem muito admirava, e para a qual fora eleito à revelia, como então se usava naquela instituição.

Isto posto, cumpre salientar que Plínio Salgado jamais se candidatou a membro de qualquer Academia de Letras, somente havendo ingressado na Paulista por ter sido eleito à revelia, mas pertenceu a diversas instituições científicas e culturais, incluindo o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que, aliás, prestou uma belíssima homenagem ao escritor e pensador sambentista por ocasião do centenário de seu nascimento, em 1995.

Em 1930, Plínio Salgado viajou para o chamado Velho Mundo, acompanhando o jovem Joaquim Carlos Egydio de Souza Aranha, percorrendo catorze países do Oriente Médio e da Europa. Na Palestina, conheceu os lugares que tão bem haveria de descrever em sua *Vida de Jesus*, obra que atingiria várias edições em diferentes países e idiomas e receberia entusiásticos elogios de notáveis pensadores, escritores, críticos e autoridades religiosas do Brasil e da Europa. Em Roma, encontrou-se, dentre outros, com Benito Mussolini e com o Senador Giovanni Gentile, filósofo e ex-Ministro da Instrução Pública, e este, que coordenava os

²⁷ *O saci, o Avanhandava e o imperialismo pacífico*, in VV.AA., *Plínio Salgado: 100ª memoria*, vol. I, cit., p. 100. Artigo originalmente publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, a 1 de dezembro de 1926.

²⁸ Cf., Maria Amélia Salgado LOUREIRO, *Plínio Salgado, meu pai*, São Paulo, Edições GRD, 2001, p. 154.

trabalhos da Enciclopédia Italiana, pediu a Plínio que completasse o verbete dedicado ao Brasil, o que ele fez em uma madrugada, com o auxílio de Mário Graciotti, Manoel Gomes e Joaquim Carlos Egydio de Souza Aranha. E em Paris, concluiu o romance *O esperado*, publicado no ano seguinte, e redigiu um manifesto que meses mais tarde se tornaria o *Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo*.

Em julho de 1931, foi lançado, em São Paulo, o primeiro exemplar do jornal nacionalista *A Razão*, que tinha Alfredo Egydio de Souza Aranha como proprietário e Plínio Salgado como principal redator e revolucionou a imprensa do País, tendo como colaboradores intelectuais da estirpe de Tristão de Athayde, Sobral Pinto, San Tiago Dantas, Mário Graciotti, Paulo Setúbal, João Carlos Fairbanks, Alpínolo Lopes Casali, Silveira Peixoto, Nuto e Leopoldo SantoAnna e, é claro, o próprio Plínio Salgado. Este era autor do artigo diário de abertura daquele matutino, a célebre *Nota Política*, em que era analisada a situação do País, pondo-se em evidência pensadores até então relativamente olvidados, como Farias Brito, Alberto Torres, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, Tavares Bastos e Eduardo Prado, e rememorando-se fatos do Império e da República.

Foi na *Nota Política*, transcrita no jornal *Era Nova*, da Bahia, e em jornais do Ceará, bem como, por iniciativa de Antônio Felício dos Santos, no jornal católico *A União*, do Rio de Janeiro, que Plínio revelou, na expressão de Virgínio Santa Rosa, o sociólogo que vivia embuçado no romancista, sendo saudado por Tristão de Athayde como a maior revelação do ano.²⁹

Também em 1931, foi lançado o *Manifesto da Legião Revolucionária*, elogiado por intelectuais do quilate de Oliveira Vianna, Tristão de Athayde, Azevedo Amaral, Octavio de Faria e Humberto de Campos, dentre outros, e que já é, pelo seu conteúdo, um autêntico manifesto integralista.

Em 12 de março do ano seguinte, Plínio Salgado fundou oficialmente, na Sala de Armas do Clube Português, em São Paulo, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que reuniria dezenas de intelectuais preocupados em dar um rumo ao Brasil, reconduzindo-o às bases morais de sua formação.

A 07 de outubro daquele ano de 1932, em sessão solene no Teatro Municipal de São Paulo, Plínio Salgado leu o Manifesto que redigira em maio e cujo anteprojeto fora aprovado pela assembleia da SEP em junho, não havendo sido divulgado então por conta da Revolução Constitucionalista já iminente. No mesmo dia 07 de outubro, diversos exemplares impressos do mesmo Manifesto foram remetidos a diferentes pontos do País.

O *Manifesto de Outubro*, que assim passou a ser denominado em virtude de haver sido divulgado em tal mês, marcou o surgimento oficial do Integralismo e da Ação Integralista Brasileira.

Inspirado, antes e acima de tudo, nos ensinamentos perenes do Evangelho, na Doutrina Social da Igreja e nas lições de grandes pensadores espiritualistas, patrióticos e nacionalistas patrícos, o *Manifesto de Outubro*, em suas páginas transbordantes de Fé e de Brasilidade, já trata, ainda que resumidamente, de todos os princípios básicos da Doutrina Integralista, posteriormente aprofundados em outros manifestos, assim como em livros, artigos e discursos de Plínio Salgado e de outros doutrinadores integralistas. Dentre tais princípios, podemos enumerar os

²⁹ *A personalidade de Plínio Salgado*, in VV.AA., *Plínio Salgado*, 4ª edição, São Paulo, Edição da Revista Panorama, 1937, p. 73.

seguintes: Afirmação da existência de Deus e da Alma Imortal do Homem; Concepção Integral do Universo e do Ente Humano; Patriotismo; Nacionalismo Integral, justo, equilibrado, sadio e edificador, alicerçado na Tradição e tendente ao autêntico Universalismo, que não pode ser confundido com o internacionalismo liberal ou comunista; defesa da Família, *cellula mater* da Sociedade, e do Município, *cellula mater* da Nação; respeito à Tradição Nacional; combate sem tréguas ao comunismo e ao liberal-capitalismo internacional; guerra sem quartel ao cosmopolitismo; sustentação da Harmonia e da Justiça Social; restauração dos princípios de Autoridade, Hierarquia e Disciplina; luta sem tréguas contra o racismo e em prol da valorização do nosso povo e das nossas tradições, bem como dos pensadores e escritores nacionais; pugna pela construção de uma Democracia Integral e de um Estado Ético Orgânico Integral Cristão, instrumento da Nação, do Homem e do Bem Comum.

A mensagem essencialmente cristã e brasileira do *Manifesto de Outubro* espalhou-se rapidamente por todo o Brasil. Em pouco tempo, a Ação Integralista Brasileira (AIB) já reunia centenas de milhares de membros e outros tantos simpatizantes em todo o País, constituindo o primeiro movimento de massas e o primeiro partido de âmbito nacional desde o fim do Império, reunindo, ainda, diversos intelectuais ilustres, bandeirantes do espírito, no dizer de Genésio Pereira Filho,³⁰ que constituíam, na expressão de Miguel Reale, o que havia de mais fino na intelectualidade da época,³¹ formando, ainda, nas palavras de Gerardo Mello Mourão, o mais fascinante grupo da inteligência do País.³²

Neste mesmo diapasão, o insuspeito Roberto Campos, ao falar, em suas memórias, de San Tiago Dantas, evocou o surpreendente fascínio que o Integralismo exerceu em sua geração, particularmente sobre a parte mais intelectualizada,³³ e o igualmente insuspeito Pedro Calmon, na biografia de seu pai, Miguel Calmon, afirmou que a plêiade de intelectuais reunida pelo Integralismo poderia lotar uma Academia, em vez de ocupar uma trincheira.³⁴ Aliás, devemos dizer que Pedro Calmon se equivocou, pois a plêiade de intelectuais que a Doutrina do Sigma reuniu, na década de 1930, em torno da bandeira azul e branca, e que bem podemos denominar a falange dos homens de mil do Integralismo, daria para lotar não apenas uma, mas várias academias.³⁵

³⁰ *Palavras iniciais*, in Plínio SALGADO, *Extremismo e Democracia*, 1ª edição, São Paulo, Editorial Guanumby, s/d, p. 8.

³¹ Entrevista concedida ao *Jornal da USP*. Disponível em: <http://espacoculturalmiguelreale.blogspot.com/2007/08/entrevista-concedida-pelo-prof-reale-ao.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

³² Entrevista concedida ao *Diário do Nordeste*. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=414001>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.

³³ *A lanterna na popa*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1994, p. 843.

³⁴ *Miguel Calmon. uma grande vida*, Prefácio de Afonso Arinos de Melo Franco, Rio de Janeiro, José Olympio Editora; Brasília, INL, 1983, p. 170.

³⁵ Dentre os diversos intelectuais ilustres que pertenceram à Ação Integralista Brasileira e a que podemos denominar homens e mulheres de mil do Integralismo, podemos destacar, além de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Tasso da Silveira, Rui Ribeiro Couto, Luís da Câmara Cascudo, Gerardo Mello Mourão, Jorge Lacerda, o Conde de Afonso Celso, Goffredo Telles Junior,

No mesmo sentido, salientou Acacio Vaz de Lima Filho que o Integralismo reuniu, na década de 1930, o que havia de mais belo na juventude brasileira em termos de ideal, bem como a fina flor da intelectualidade nacional, intelectualidade esta que, rompendo com a tradição de servil imitação dos modelos estrangeiros, voltou-se para o Brasil, e para as mais profundas raízes da brasilidade.³⁶

Dentre os diversos livros de Plínio Salgado que reputamos essenciais para o conhecimento da Doutrina Integralista, podemos destacar *Psicologia da Revolução* (1933), *O que é o Integralismo* (1933), *A Quarta Humanidade* (1934), *Conceito cristão da Democracia* (1946), *O Integralismo perante a Nação* (1946), *Madrugada do Espírito* (1946), *Direitos e deveres do Homem* (1949), *Espírito da burguesia* (1951) e *Reconstrução do Homem* (1957).

Não nos propusemos, no presente artigo, a analisar o Integralismo, tão augusta quanto deturpada Doutrina que se constituiu na glória e na cruz de Plínio Salgado, o pensador ilustre que arrebatava multidões na mocidade e serenava a ânsia dos intelectuais com o ouro da sua pena, na expressão de Manoel Vitor, e cuja nota pelo sigma, ainda nas palavras deste, nada mais era que a projeção da sua mesma personalidade em busca de Deus para dá-lo aos homens, sendo a Família e a Pátria os degraus por onde andou semeando rosas que lhe trouxeram o paradoxal perfume dos espinhos.³⁷ Não podemos deixar de assinalar, contudo, que o Integralismo realizou, como escreveu o próprio Plínio Salgado, a maior obra cívica do Brasil,³⁸ tendo mobilizado desde o homem do sertão até os numerosos e

Ignacio da Silva Telles, José Loureiro Júnior, Alfredo Buzaid, Álvaro Lins, José Lins do Rego, Adonias Filho, Dantas Mota, Catulo da Paixão Cearense, Vinícius de Moraes, Francisco Karam, Américo Jacobina Lacombe, Augusto Frederico Schmidt, San Tiago Dantas, Thiers Martins Moreira, Francisco Luiz de Almeida Salles, Everardo Backheuser, Lúcio José dos Santos, Madeira de Freitas, Alcibiades Delamare, Francisco Teive de Almeida Magalhães, Belisário Penna, Herbert Parentes Fortes, Hélio Vianna, Ítalo Galli, Othon Gama D'Ávila, Roland Corbisier, Margarida Corbisier, Ovídio da Cunha, J. G. de Araújo Jorge, Alberto Cotrim Neto, D. Odilão Moura, Rosalina Coelho Lisboa, Maria Amélia Salgado Loureiro, Rubem Nogueira, Oldegar Vieira, Carvalho Filho, D. Antônio de Almeida Moraes Júnior, René Penna Chaves, Judas Isgorogota, Gladstone Chaves de Melo, Mário Marroquim, Mansueto Bernardi, Ernani Silva Bruno, João Carlos Fairbanks, Raymundo Padilha, Seabra Fagundes, Olbiano de Mello, Nilza Peres, D. Hélder Câmara, Isaías Alves, Jacinto de Figueiredo, Félix Contreiras Rodrigues, Nestor Contreiras Rodrigues, Dario de Bittencourt, Anor Butler Maciel, Rodolfo Josetti, Olympio Mourão Filho, Manuel Sobrinho, Antônio Pompêo, Paulo Fleming, Nóbrega de Siqueira, Genésio Pereira Filho, Clarival do Prado Valladares, Rocha Vaz, Oswaldo Teixeira, Ulisses Paranhos, Arthur Machado Paupério, Victor Pujol, Custódio de Viveiros, José Mayrink, Mário Ypiranga Monteiro, Brasil Pinheiro Machado, Marcus Sandoval, Manoel Rodrigues de Mello, Afonso de Carvalho, Eulálio Motta, Laurindo Gomes Maciel e, segundo alguns, Olegário Mariano e Jônatas Serrano. Devem ser lembrados, ainda, os inúmeros intelectuais que, embora não havendo pertencido à Ação Integralista Brasileira, foram simpatizantes do Movimento Integralista na década de 1930, como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Francisco Campos, Vicente Rao, Octavio de Faria, Lúcio Cardoso, padres Leonel Franca e Júlio Maria, Tristão de Athayde, Ronald de Carvalho, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Arlindo Veiga dos Santos, o Conde Sebastião Pagano, José Carlos de Ataliba Nogueira, Vicente do Rego Monteiro, Manoel Lubambo, Guilherme Auler e dezenas de outros.

³⁶ Prefácio, in Gumercindo Rocha DOREA (Organizador), *Existe um pensamento político brasileiro? Existe, sim, Raymundo Faoro: o Integralismo!: uma nova geração analisa e interpreta o Manifesto de Outubro de 1932 de Plínio Salgado*, cit., p. XVI.

³⁷ Plínio Salgado, pensador ilustre, in VV.AA., *Plínio Salgado: a memória*, vol. I., cit., pp. 41-42.

³⁸ *O Integralismo na vida brasileira*, in *Enciclopédia do Integralismo*, vol. I, Rio de Janeiro, Edições GRD/Livraria Clássica Brasileira, s/d (1958), p. 37.

legítimos expoentes da cultura nacional³⁹ e havendo soprado a brasa do patriotismo aparentemente adormecido do povo brasileiro, acendendo um clarão como de outro não há notícia na nossa Pátria.⁴⁰ Ainda como enfatizou o autor de *Palavra nova dos tempos novos* (1936) e *Espírito da burguesia* (1951), o Integralismo:

Ensinou o povo a cantar o Hino Nacional (que raríssimas pessoas sabiam); levou multidões a aplaudir freneticamente os desfiles do Exército e da Marinha (que então, como hoje, passavam nas ocasiões das paradas, em meio ao silêncio de reduzidos espectadores frios e apenas curiosos); promoveu o culto das datas históricas e dos heróis do nosso Passado Nacional, realizando comemorações imponentes, como as de Caxias, de Carlos Gomes, de Tamandaré, de Couto de Magalhães, de Pedro II, que foram memoráveis; abriu cerca de 3.000 escolas de alfabetização para adultos e cerca de mil lactários para a infância; organizou bibliotecas e fez dar cursos de História do Brasil, Geografia, Instrução Moral e Cívica, Economia Política, elementos de Direito Público e de Filosofia; fundou milhares de ambulatórios médicos e cooperou na obra de recuperação física da nossa gente; realizou exposições e concertos e cursos de Cultura Artística, um dos quais foi notabilíssimo, no salão da Escola Nacional de Belas Artes; e . o que mais importava! . arregimentou a infância e a adolescência, incutindo-lhes entusiasmo pelos nobres ideais, formando-lhes os corações segundo a doutrina do Evangelho, incendiando-as num surto de patriotismo como nem antes nem depois se viu algo de semelhante.⁴¹

O Integralismo, ainda nas palavras do autor de *O Integralismo na vida brasileira*,

[...]fez escola de austeridade e de firmeza de princípios, de altruísmo e abnegação, de idealismo construtor, de amor ardente pela Pátria, de sacrifício por ela. Uma escola de disciplina e de ordem, de simplicidade e de modéstia, de preocupação pela coisa pública, de apostolado pela regeneração dos costumes. Uma escola que tinha por base a revolução interior, a transformação do próprio Homem pelo domínio de si mesmo, na luta contra os baixos instintos que perseguem o Ser Humano como consequência da culpa original. Uma escola de vigilância constante na defesa das bases fundamentais da vida brasileira: a Religião, a Pátria, a Família.⁴²

Antes de concluir nossas breves palavras sobre a doutrina política de Plínio Salgado e a sua difusão em nosso País, reputamos oportuno enfatizar que, como

³⁹ Idem, p. 7.

⁴⁰ Idem, p. 37.

⁴¹ Idem, pp. 37-38.

⁴² Idem, p. 38.

ressaltou D. Odilão Moura, nas páginas da obra *Ideias católicas no Brasil*, nacionalista, tradicionalista (...), o integralismo+, cujas teses não contrariam a Doutrina Católica, propugna por um Estado de estrutura corporativa e municipalista (...), visando a um regime de justiça social para o povo+ e foi, assim como ainda é, um movimento, antes de tudo, educativo, que, na década de 1930, conseguiu dar a grande parte da juventude brasileira (...) um ideal elevado, despertou uma grande preocupação pelos problemas e tradições brasileiros, indicou uma direção política visando mais às ideias que à eleição dos candidatos, desviou do comunismo aqueles que desejavam uma ação política de reivindicações sociais+.⁴³

Ainda conforme frisou Dom Odilão Moura, o Integralismo, cujos adeptos sacrificavam os interesses particulares em prol da redenção do Brasil+, onde deveria surgir uma nova civilização cristã e ordeira+, atraiu centenas de milhares de católicos por sua posição espiritualista+, pela valorização que sempre deu às nossas tradições cristãs+, pela aceitação dos princípios da Doutrina Social da Igreja e pelo combate tenaz ao comunismo+, e era, no Brasil dos anos 30 do século passado, no entender do ilustre religioso beneditino e pensador tomista, o único movimento político não comunista que apresentava um programa de uma reforma social mais ampla e fundamentada em ideias+, donde grande parte da mocidade nele haver encontrado a concretização de um ideal construtivo+. Assim, inúmeros bispos, sacerdotes, instituições religiosas, intelectuais e universitários católicos+ apoiaram o Integralismo ou mesmo ingressaram nas suas fileiras+ e graças, em larga medida, a eles, o Movimento do Sigma . sem dúvida alguma o movimento cívico-político que mais apoio recebeu, em todo o Mundo, de autoridades da Igreja e de vultos do laicato católico⁴⁴ . cresceu enormemente, sendo raro o recanto brasileiro onde não houvesse uma sede da AIB, propagando as ideias do movimento, alfabetizando, prestando assistência social+.⁴⁵

Consoante escreveu D. Odilão Moura, o gigantesco crescimento que teve o Integralismo, em curto espaço de tempo, deveu-se, antes e acima de tudo, à pena e aos discursos de Plínio Salgado, homem inteligente, autodidata, bom escritor e jornalista+ e brilhante orador, que sabia (...) usar dos recursos oratórios como ninguém+.⁴⁶

Tratando do Integralismo, observou o magistrado, juriconsulto e ensaísta Fernando Whitaker da Cunha que a Doutrina Integralista merece ser estudada pela seriedade de suas premissas e de seus propósitos+; pelo fato de ter engendrado o primeiro movimento partidário de repercussões nacionais+ desde a implantação da República; por pretender um Direito Público em moldes brasileiros+; por censurar vaidades estadualistas em benefício da pátria global e, acima de tudo, por pregar um

⁴³ *Ideias católicas no Brasil*, São Paulo, Convívio, 1978, pp. 99-100.

⁴⁴ Alguns dos muitos elogios de arcebispos e bispos brasileiros ao Integralismo e a Plínio Salgado foram publicados na edição do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, de 11 de novembro de 1937 e transcritos por Plínio Salgado na obra *O Integralismo perante a Nação (O Integralismo perante a Nação*, 4^o edição, in *Obras Completas*, vol. 9, 2^a edição, São Paulo: Editora das Américas, 1957, pp. 209-214).

⁴⁵ *Idem*, p. 98.

⁴⁶ *Idem*, p. 99.

Estado Ético fundado na moral cristã, na dignidade do homem e no culto de Deus, da Nação e da Família.⁴⁷

Encerrando nossas breves linhas sobre a Doutrina do Sigma, salientamos que, a exemplo do Padre Júlio Maria, reputamos que o Integralismo em sua doutrina, sua finalidade e em sua organização, é bom e merece o apoio de todos que têm amor a sua Pátria e ao Progresso".⁴⁸

Exilado em Portugal pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que decretara o fechamento da Ação Integralista Brasileira em 1937, Plínio Salgado lá permaneceu, juntamente com D. Carmela Patti Salgado, com quem se casara em segundas núpcias, de 1939 até 1946.

Em Portugal, Pátria de que nasceu sua Pátria, o autor de *Reconstrução do Homem* (1957) estudou profundamente o pensamento tradicionalista português e espanhol, proferiu algumas de suas mais belas conferências, escreveu as suas mais pujantes obras religiosas e foi reconhecido por todos como uma espécie de embaixador cultural do Brasil e pela intelectualidade católica como um dos maiores pensadores católicos de todos os tempos e um verdadeiro apóstolo brasileiro.⁴⁹

Foi em Portugal, ademais, que Plínio terminou sua obra prima, a *Vida de Jesus*, que o Padre Leonel Franca qualificou de joia de uma literatura⁵⁰ e que é inegavelmente um clássico não apenas da Literatura Brasileira, mas da própria Literatura Universal, assim como uma das obras máximas da Cristologia. Como salientou o escritor português José Sebastião da Silva Dias, a *Vida de Jesus*, que no gênero é o melhor que até hoje se publicou em língua portuguesa, tendo realmente conseguido ser a joia de uma literatura, teria o mundo inteiro por mercado, caso tivesse sido escrita em qualquer das grandes línguas europeias.⁵¹

A respeito da obra prima de Plínio Salgado, assim se exprimiu Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa:

Falando da *Vida de Jesus*, queria confessar que é a mais bela de quantas tenho lido. Tão difícil de escrever, a *Vida de Jesus* de Plínio Salgado é, de fato, a *Vida de Jesus*, feita com a inteligência, com a alma e com o coração todo.⁵²

⁴⁷ *Democracia e Cultura (a Teoria do Estado e os pressupostos da ação política)*, 2ª edição revista e aumentada, Prefácio de Arthur Machado Paupério, Rio de Janeiro, Forense, 1973, p. 268.

⁴⁸ *O Luctador*, 20 de setembro de 1937.

⁴⁹ Sobre as atividades realizadas por Plínio Salgado durante o exílio em Portugal, bem como sobre o reconhecimento que ali recebeu dos mais altos vultos do pensamento católico lusitano: Augusta Garcia R. DOREA, *Plínio Salgado, um apóstolo brasileiro em terras de Portugal e Espanha*, São Paulo, Edições GRD, 1999.

⁵⁰ Carta a Plínio Salgado, Plínio SALGADO, *Vida de Jesus*, 22ª edição, São Paulo, Voz do Oeste, 1985, pp. IX/XI.

⁵¹ *Vida de Jesus, de Plínio Salgado*, in VV.AA., *Plínio Salgado: a memoriam*, vol. II, cit., pp. 146-147.

⁵² In Plínio SALGADO, *Vida de Jesus*, 9ª edição, in *Obras completas*, volume 1, 2ª edição, São Paulo, Editora das Américas, 1956, p. 9.

Por suas obras religiosas, a exemplo da *Vida de Jesus*, coroa luminosa de um grande e silencioso drama, no dizer do Cardeal Cerejeira,⁵³ assim como de *A aliança do sim e do não* (1943), de *Primeiro, Cristo!* (1946), de *O Rei dos reis* (1946), de *Mensagens ao Mundo Lusíada* (1946), de *A Tua Cruz, Senhor* (1946), de *A imagem daquela noite* (1947) e de *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (1950), podemos considerar Plínio Salgado um dos maiores e mais profundos escritores cristãos de todos os tempos e uma das máximas glórias do pensamento e das letras cristãs do Mundo Lusíada.

Isto posto, cumpre salientar, que, como escreveu o sacerdote jesuíta e jornalista italiano Domenico Mondrone, no prefácio à edição italiana da *Vida de Jesus*, transcrito na revista romana *La Civiltà Cattolica*, não apenas as obras religiosas de Plínio Salgado, mas todos os livros deste escritor robusto e fecundo são testemunhos do ideal cristão, ao qual está dirigida toda a sua vida de indivíduo e de cidadão e no qual se enquadra a sua visão do mundo.⁵⁴ E faz-se mister sublinhar, do mesmo modo, que toda a vida de Plínio Salgado, desde seu retorno à Igreja, foi dedicada à luta por Cristo. Com efeito, consoante frisou o egrégio historiador e pensador tradicionalista português João Ameal, em palavras que fazemos nossas,

Plínio Salgado escreve, fala, apostoliza sob a luz perene da obediência a Cristo; os argumentos que emprega, são colhidos nas divinas palavras; as imagens que levanta, são sugeridas pelas divinas lições, os apelos que lança, são o eco dos divinos apelos e todo o seu programa é reimplantar na consciência dos contemporâneos a figura excelsa do Filho de Deus e incitá-los a que O tomem por modelo e saibam voltar ao integral cumprimento da Sua Lei.⁵⁵

Durante os tempos de exílio em Portugal, Plínio Salgado conheceu pessoalmente o Presidente do Conselho de Ministros daquele País, Dr. António de Oliveira Salazar, a quem considerava, com razão, um dos maiores estadistas de seu tempo e da História Lusíada. Unidos por profundos laços doutrinários e por um entranhado sentimento de mútua admiração, o estadista português e o escritor, pensador e líder político brasileiro se encontraram algumas vezes, durante e após o exílio de Plínio em terras portuguesas,⁵⁶ e trocaram diversas cartas ao longo dos anos.

⁵³ *A Igreja e o pensamento contemporâneo*, 4ª edição (com algumas notas inéditas), Coimbra, Coimbra Editora, 1944, p. 385.

⁵⁴ *Plínio Salgado: o homem, a atividade, a obra-prima*, in VV.AA., *Plínio Salgado: sua memoriam*, vol. II, São Paulo, Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986, p. 159. Cabe ressaltar que, além do referido prefácio, intitulado, em italiano, *Plinio Salgado - Uomo, l'attività, il capolavoro* e reproduzido, a 03 de julho de 1954, na revista *La Civiltà Cattolica*, o Padre Domenico Mondrone publicou, no prestigioso jornal católico *L'Osservatore Romano*, um belo artigo sobre a *Vida de Jesus*, de Plínio Salgado (*La vita di Gesù*, in *L'Osservatore Romano*, nº 152, 04/07/1954).

⁵⁵ *Plínio Salgado ou a nova luta por Cristo*, in VV.AA., *Plínio Salgado: sua memoriam*, vol. II, São Paulo, Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986, p. 129.

⁵⁶ Os jornais *Diário de Lisboa*, da Capital Portuguesa, e *A Marcha*, do Rio de Janeiro, o primeiro do dia 15 de maio de 1962 e o segundo de dois dias mais tarde, noticiaram aquele que foi,

De volta ao Brasil em 1946, Plínio Salgado ingressou no Partido de Representação Popular (PRP), que havia sido fundado no ano anterior por ex-membros da Ação Integralista Brasileira e que pugnava pelos mesmos ideais cristãos e brasileiros pelos quais esta havia pugnado. Por este partido foi candidato às eleições presidenciais de 1955 e se elegeu Deputado Federal em 1956, 1960 e 1964. Exerceu outros dois mandatos na Câmara, eleito pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), até deixar definitivamente a política, em 1974. Faleceu um ano mais tarde, na Cidade de São Paulo, tendo sido sepultado no Cemitério do Morumbi.

Como Deputado Federal, integrou sempre a Comissão de Educação, na qual produziu inúmeros pareceres, e apresentou projetos como os de Reforma Agrária e de criação do Fundo Nacional para a Reforma Agrária, ambos de 1963, e o da Emenda Constitucional n. 609, que criaria a Câmara Orgânica, consagrando o princípio organicamente democrático da representação política dos trabalhadores de acordo com suas categorias profissionais.

Não podemos encerrar o presente artigo sem evocar o fato de que, em 1948, a convite de D. Ballester Nieto, então Bispo de Vitoria, na Província de Álava, na Espanha, Plínio Salgado participou, na condição de representante do laicato católico brasileiro, das Conversações Católicas Internacionais de San Sebastián, também na Espanha. Ali apresentou o ilustre escritor e pensador português um excelente trabalho, que se constituiria na principal parte da obra *Direitos e deveres do Homem* e pode bem ser considerado uma summa do seu pensamento político, e participou ativamente da elaboração da *Carta de Direitos e Deveres do Homem*, produzida naquele importante encontro católico. Enfrentando tenaz resistência daqueles que não queriam que o nome de Deus constasse da aludida Carta, conseguiu que sua orientação se saísse vencedora, sendo o primeiro artigo do referido documento, calcado quase linha por linha no texto por ele redigido, assim aprovado:

O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma espiritual e imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina.⁵⁷

Também não podemos encerrar este artigo sem antes frisar que, em 1952, foi fundada, no Rio de Janeiro, sob a orientação de Plínio Salgado, seu Presidente de Honra, a Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ), que chegaria a reunir mais de quinhentas entidades de jovens espalhadas por todo o País. Antes disso, mais precisamente em 1946, fundara ele, também no Rio de Janeiro, a Livraria Clássica Brasileira, livraria e editora que, entre fins da década de 1940 e princípios da década de 1960, publicaria dezenas de importantes obras políticas, religiosas, históricas, filosóficas e literárias.

Plínio Salgado, ~~foi~~ injustiçado, nas palavras de Pedro Paulo Filho, deixou à Pátria, ao morrer, ~~um~~ exemplo inolvidável de um dos maiores pensadores políticos

provavelmente, o último encontro entre Salazar e Plínio Salgado, ocorrido na manhã daquele 15 de maio.

⁵⁷ Cf. Maria Amélia Salgado LOUREIRO, *Plínio Salgado, meu pai*, cit., p. 420.

brasileiros e uma herança cultural soberba, que o elenca entre os mais notáveis escritores do Brasil.⁵⁸ Como bem salientou Francisco Elías de Tejada, com todos os defeitos que toda obra humana possui, e Plínio era um ser humano, a sua obra aparece majestática, pelo muito que tem de coerente, pela lógica interna que anima o seu sistema e, sobretudo, pela magnitude do pensamento que sabe elaborar uma teoria da Tradição brasileira com traços de granítico castelo, destinado a suscitar adesões para quem queira em tempos vindouros conhecer a substância do Brasil.⁵⁹

Maior escritor em prosa do chamado Modernismo Brasileiro da década de 1920 e do dealbar da década de 1930 e autor da *Vida de Jesus*, que é, inegavelmente, a joia de uma literatura, Plínio Salgado inscreveu seu nome em letras de ouro na História Literária e Cultural do Brasil.

Criador do maior movimento cívico-político tradicionalista, patriótico e nacionalista da América Lusíada e de toda a América Hispânica e um dos poucos políticos brasileiros do século XX que, no dizer de Alceu Amoroso Lima, efetivamente fizeram política com P grande,⁶⁰ inscreveu Plínio Salgado também seu nome, igualmente em letras de ouro, na História Política do Brasil.

Tendo inscrito o nome em letras de ouro na História Literária, Cultural e Política deste Império, esse bandeirante do Brasil Profundo que foi e é Plínio Salgado inscreveu, em uma palavra, o seu nome, em letras de ouro, na História Pátria.

Havendo sido, como vimos, no entender de Francisco Elías de Tejada, o primeiro a efetivamente compreender a Tradição do Brasil, sendo, pois, um autêntico descobridor bandeirante das essências da Terra de Santa Cruz,⁶¹ e tendo elaborado uma robusta teoria da Tradição Brasileira, Plínio Salgado inscreveu, do mesmo modo, o seu nome, em letras de ouro, na Tradição do Brasil.

Como evocamos na *breelha* da obra *Existe um pensamento político brasileiro?* *Existe, sim, Raymundo Faoro: o Integralismo!*, organizada por Gumercindo Rocha Dorea, ao saudar Plínio Salgado, por ocasião de uma conferência que este realizou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 3 de agosto de 1953, o Professor Heraldo Barbuy, egrégio filósofo, sociólogo e escritor paulista, examinando a obra de Plínio Salgado como escritor, pensador e homem de ação, observou que a Doutrina Pliniana se tornara, então, mais do que nunca, necessária por firmar os verdadeiros conceitos do Homem, da Sociedade e do Estado, e terminou seu discurso exaltando a tenacidade, a coerência e a capacidade de sacrifício de Plínio Salgado, sustentando seu nobre e límpido pensamento em meio às injustiças e incompreensões.⁶²

⁵⁸ *Plínio Salgado, esse injustiçado*, in Gumercindo Rocha DOREA (Organizador e apresentador), São Bento do Sapucaí, São Paulo, Espaço Cultural Plínio Salgado, 1994, p. 25. Texto da palestra proferida por Pedro Paulo Filho em São Bento do Sapucaí a 07 de outubro de 1993, por ocasião da 1ª Semana Plínio Salgado.

⁵⁹ *Plínio Salgado na tradição do Brasil*, in VV.AA., *Plínio Salgado: a memoria*, vol. II, cit., p. 53.

⁶⁰ *Companheiros de viagem*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1971, p. 21.

⁶¹ *Plínio Salgado na tradição do Brasil*, in VV.AA., *Plínio Salgado: a memoria*, vol. II, cit., p. 70.

⁶² Cf. A MARCHA, *Plínio Salgado falou aos estudantes da Universidade Católica de São Paulo*, in *A Marcha*, ano I, n. 26, 14 de agosto de 1953, p. 1.

Ainda como escrevemos na *relha* do aludido livro, na hora presente, ainda muito mais do que no ano de 1953, é necessária a Doutrina Pliniana para o nosso Brasil e para todo o Mundo e a leitura do *Manifesto de Outubro* confirmará isto a todas as pessoas intelectualmente honestas que a fizerem.

Esperamos que a leitura deste nosso singelo artigo possa despertar no maior número possível de pessoas o interesse pela obra de Plínio Salgado, esse grande arauto e apóstolo da Fé e da Brasilidade e condestável do Brasil Integral. Estamos certos de que todas as pessoas intelectualmente honestas que conhecerem a obra desse bandeirante do Brasil Profundo perceberão que ela é muito diversa do que afirmam os seus detratores de todos os naipes.

Como escrevemos algures,⁶³ os já muitos anos de calúnias, de incompreensões e de silêncio não foram capazes de apagar o brilho do autor da *Vida de Jesus* (1942) e de *O Rei dos reis* (1946), que fulgirá sempre, magna estrela da constelação do pensamento pátrio, luzente joia da rica coroa que representa a autêntica inteligência nacional, farol magnífico a guiar a nau dos verdadeiros tradicionalistas, patriotas e nacionalistas brasileiros pelos tenebrosos mares do Império de Calibã, que é o Império da Matéria, rumo ao porto seguro do Império de Ariel, que não é outro senão o Império do Espírito.

Mais genial, pujante e vigoroso intérprete da Tradição Nacional e do Espírito do Povo brasileiro, esse assinalado bandeirante da Fé e do Império e guerreiro de Deus e da Pátria, viverá, imortal, em sua obra notabilíssima e sempre atual, em que defende a restauração do Primado do Espírito e da Tradição, a recristianização integral do Brasil e a instauração de um Estado Ético e de uma Democracia Integral, assim como viverá sua alma igualmente imortal, junto do Cristo que tanto amou. Em uma palavra, o nome de Plínio Salgado perpetuar-se-á, conforme previu Juscelino Kubitschek, como um símbolo iluminando o futuro⁶⁴ deste vasto Império da Terra de Santa Cruz-Brasil.

Recebido em Maio de 2017.

Publicado em Julho de 2017.

⁶³ Plínio Salgado, *arauto e apóstolo de Cristianismo de Brasilidade*, cit., p. 18. Disponível em: <http://www.jornalolince.com.br/2010/fev/pages/focus-plinio-salgado.php>. Acesso em 22 de janeiro de 2015.

⁶⁴ Carta a D. Carmela Patti Salgado, in VV.AA., *Plínio Salgado: memória*, vol. I., cit., p. 225.